

NATAL DO SENHOR

CIC 456-460, 466: “Porque é que o Verbo encarnou?”

- 456** Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «*Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem*»¹.
- 457** O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus*: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (1 Jo 4, 14). «E Ele veio para tirar os pecados» (1 Jo 3, 5):
«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?»².
- 458** O Verbo fez-Se carne, *para que assim conhecêssemos o amor de Deus*: «Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (1 Jo 4, 9). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16).
- 459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...] » (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)³. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento⁴.
- 460** O Verbo fez-Se carne, *para nos tornar «participantes da natureza divina»* (2 Pe 1, 4): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus»⁵. «Porque o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses»⁶. «*Unigenitus [...] Dei*

¹ DS 150.

² SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Oratio catechetica* 15, 3: TD 7, 78 (PG 45, 48).

³ Cf. Dt 6, 4-5.

⁴ Cf. Mc 8, 34.

⁵ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 3, 19, 1: SC 211, 374 (PG 7, 939).

⁶ SANTO ATANÁSIO, *De Incarnatione*, 54, 3: SC 199, 458 (PG 25, 192B).

Filius, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factus homo – O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses»⁷.

- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»⁸. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»⁹.

CIC 461-463, 470-478: a Encarnação

- 461** Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: *Jo* 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conser- vado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» (*Fl* 2, 5-8)¹⁰.

- 462** A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (*Heb* 10, 5-7, citando o *Sl* 40, 7-9, segundo os LXX).

- 463** A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (*1 Jo* 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» (*1 Tm* 3, 16).

⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Officium de festo corporis Christi*, Ad Matutinas, In primo Nocturno, Lectio 1: *Opera omnia*, v. 29 (Parisiis 1876) p. 336.

⁸ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

⁹ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

¹⁰ Cf. *Cântico nas 1 Vésperas de Domingo: Liturgia Horarum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1973-1974), v. 1, p. 545.629.718 e 808; v. 2, p. 844.937.1037 e 1129; v. 3, p. 548.669.793 e 916; v. 4, p. 496.617.741 e 864 [Ed. portuguesa: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 621.710.803 e 897; v. 2, p. 984, 1079, 1182 e 1278; v. 3, p. 685.800.918 e 1032; v. 4, p.633.748.866 e 980]

470 Uma vez que, na união misteriosa da Encarnação, «a natureza humana foi assumida, não absorvida»¹¹, a Igreja, no decorrer dos séculos, foi levada a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, a mesma Igreja teve de lembrar repetidamente que a natureza humana de Cristo pertence, como própria, à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Ele fez e faz nela, depende de «um da Trindade». Portanto, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Santíssima Trindade. E assim, tanto na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os costumes divinos da Trindade¹²:

«O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado»¹³.

A ALMA E O CONHECIMENTO HUMANO DE CRISTO

471 Apolinário de Laodiceia afirmava que, em Cristo, o Verbo tinha ocupado o lugar da alma ou do espírito. Contra este erro, a Igreja confessou que o Filho eterno assumiu também uma alma racional humana¹⁴.

472 Esta alma humana, que o Filho de Deus assumiu, é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Como tal, este não podia ser por si mesmo ilimitado. Exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Foi por isso que o Filho de Deus, fazendo-Se homem, pôde aceitar «crescer em sabedoria, estatura e graça» (Lc 2, 52) e também teve de Se informar sobre o que, na condição humana, deve aprender-se de modo experimental¹⁵. Isso correspondia à realidade do seu abatimento voluntário na «condição de servo»¹⁶.

473 Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua pessoa¹⁷. «A natureza humana do Filho de Deus, não por si mesma, mas pela sua união com o Verbo, conhecia e manifestava em si tudo o que é próprio de Deus»¹⁸. É o caso, em primeiro lugar, do conhecimento íntimo e imediato que o Filho de Deus feito homem tem do seu Pai¹⁹. O Filho também mostrava, no seu conhecimento humano, a clarividência divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens²⁰.

474 Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios eter-

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

¹² Cf. *Jo* 14, 9-10.

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1043.

¹⁴ Cf. SÃO DÁMASO I, Epístula «*Hóti tē apostolikē kathédra*»: DS 149.

¹⁵ Cf. *Mc* 6, 38; 8, 27; *Jo* 11, 34; etc.

¹⁶ Cf. *Fl* 2, 7.

¹⁷ Cf. SÃO GREGÓRIO MAGNO, Ep. *Sicut aqua*: DS 475.

¹⁸ SÃO MÁXIMO CONFESSOR, *Quaestiones et dubia*, Q. I, 67: CCG 10, 155 (66: PG 90, 840).

¹⁹ Cf. *Mc* 14, 36; *Mt* 11, 27; *Jo* 1, 18; 8, 55; etc.

²⁰ Cf. *Mc* 2, 8; *Jo* 2, 25; 6, 61; etc.

nos que tinha vindo revelar²¹. O que neste domínio Ele reconhece ignorar²² declara, noutra ponto, não ter a missão de o revelar²³.

A VONTADE HUMANA DE CRISTO

- 475 De igual modo, a Igreja confessou, no sexto Concílio ecuménico, que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas mas cooperantes, de maneira que o Verbo feito carne quis humanamente, em obediência ao Pai, tudo quanto decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação²⁴. A vontade humana de Cristo «segue a sua vontade divina, sem fazer resistência nem oposição em relação a ela, antes estando subordinada a essa vontade onnipotente»²⁵.

O VERDADEIRO CORPO DE CRISTO

- 476 Uma vez que o Verbo Se fez carne, assumindo uma verdadeira natureza humana, o corpo de Cristo era circunscrito²⁶. Portanto, o rosto humano de Jesus pode ser «pintado»²⁷. No VII Concílio ecuménico²⁸, a Igreja reconheceu como legítimo que ele fosse representado em santas imagens.
- 477 Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, «Deus que, por sua natureza, era invisível, tornou-Se visível aos nossos olhos»²⁹. Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços do seu corpo humano, de tal modo que, pintados numa imagem sagrada, podem ser venerados porque o crente que venera a sua imagem, «venera nela a pessoa nela representada»³⁰.

O CORAÇÃO DO VERBO ENCARNADO

- 478 Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» (*Gl* 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação³¹, «*praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* – é considerado sinal e símbolo por excelência...

²¹ Cf. *Mc* 8, 31; 9, 31; 10, 33-34; 14, 18-20. 26-30.

²² Cf. *Mc* 13, 32.

²³ Cf. *Act* 1, 7.

²⁴ Cf. III CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 681), Sess. 18ª, *Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus*: DS 556-559.

²⁵ III CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 681), Sess. 18ª, *Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus*: DS 556

²⁶ Cf. CONCÍLIO DE LATRÃO (ano 649), Canon 4: DS 504.

²⁷ Cf. *Gl* 3, 1.

²⁸ II CONCÍLIO DE NICEIA (ano 787), Act. 7ª, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 600-603.

²⁹ *Prefácio do Natal II: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 396 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 458].

³⁰ II CONCÍLIO DE NICEIA, Act. 7ª, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 601.

³¹ Cf. *Jo* 19, 34.

daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens»³².

CIC 437, 525-526: o mistério do Natal

437 O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: «nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é Cristo, Senhor» (*Lc 2, 11*). Desde a origem, Ele é «Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (*Jo 10, 36*), concebido como «santo» no seio virginal de Maria³³. José foi convidado por Deus a «levar para sua casa Maria, sua esposa», grávida d'«Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo» (*Mt 1, 20*), para que Jesus, «chamado Cristo», nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de David (*Mt 1, 16*)³⁴.

O MISTÉRIO DO NATAL

525 Jesus nasceu na humildade dum estábulo, no seio duma família pobre³⁵. As primeiras testemunhas deste acontecimento são simples pastores. E é nesta pobreza que se manifesta a glória do céu³⁶. A Igreja não se cansa de cantar a glória desta noite:

«Hoje a Virgem dá à luz o Eterno
e a terra oferece uma gruta ao Inacessível.
Cantam-n'O os anjos e os pastores,
e com a estrela, os magos põem-se a caminho,
porque Tu nasceste para nós,
pequenino, Deus eterno!»³⁷

526 «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino³⁸, e para isso, é preciso abaixar-se³⁹, tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (*Jo 3, 7*), «nascer de Deus»⁴⁰, para se «tornar filho de Deus»⁴¹. O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós⁴². O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

«*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem* – Oh admirável permuta! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!»⁴³

³² PIO XII, Enc. *Haurietis aquas*: DS 3924; cf. Id., Enc. *Mystici corporis*: DS 3812.

³³ Cf. *Lc 1, 35*.

³⁴ Cf. *Rm 1, 3*; *2 Tm 2, 8*; *Ap 22, 16*.

³⁵ Cf. *Lc 2, 6-7*.

³⁶ Cf. *Lc 2, 8-20*.

³⁷ SÃO ROMANO O MELÓDIO, *Kontakion*, 10, *In diem Nativitatis Christi*, Prooemium: SC 110, 50.

³⁸ Cf. *Mt 18, 3-4*.

³⁹ Cf. *Mt 23, 12*.

⁴⁰ Cf. *Jo 1, 13*.

⁴¹ Cf. *Jo 1, 12*.

⁴² Cf. *Gl 4, 19*.

⁴³ *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, 1ª Antífona das I e II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973), p. 385 e 397 [a versão oficial portuguesa é menos exacta: «Oh admirável mistério! O Criador do

CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David

439 Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel⁴⁴. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito⁴⁵, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano⁴⁶, essencialmente político⁴⁷.

A VIRGINDADE DE MARIA

496 Desde as primeiras formulações da fé⁴⁸, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»⁴⁹. Os santos Padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne⁵⁰, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus⁵¹; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»⁵².

A ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM

559 Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei⁵³, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (*Lc* 1, 32)⁵⁴. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (*Sl* 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (*Zc* 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade⁵⁵. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças⁵⁶ e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores⁵⁷. A acla-

género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!»: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 426 e 441].

⁴⁴ Cf. *Mt* 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9-15.

⁴⁵ Cf. *Jo* 4, 25-26; 11, 27.

⁴⁶ Cf. *Mt* 22, 41-46.

⁴⁷ Cf. *Jo* 6, 15; *Lc* 24, 21.

⁴⁸ Cf. DS 10-64.

⁴⁹ CONCÍLIO DE LATRÃO, (ano 649), Canon 3: DS 503.

⁵⁰ Cf. *Rm* 1, 3.

⁵¹ Cf. *Jo* 1, 13.

⁵² SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (FUNK 1, 274-276).

⁵³ Cf. *Jo* 6, 15.

⁵⁴ Cf. *Mt* 21, 1-11.

⁵⁵ Cf. *Jo* 18, 37.

⁵⁶ Cf. *Mt* 21, 15-16; *Sl* 8, 3.

⁵⁷ Cf. *Lc* 19, 38; 2, 14.

mação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

JESUS ATENDE A ORAÇÃO

2616 A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso⁵⁸, de Jairo⁵⁹, da cananeia⁶⁰, do bom ladrão⁶¹) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico⁶², da hemorroíssa que Lhe tocou na veste⁶³, as lágrimas e o perfume da pecadora⁶⁴). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (Mt 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»⁶⁵.

CIC 65, 102: Deus disse tudo no seu Verbo

NO SEU VERBO, DEUS DISSE TUDO

65 «Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais, pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo seu Filho» (Heb 1, 1-2). Cristo, Filho de Deus feito homem, é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai.

N'Ele, o Pai disse tudo. Não haverá outra palavra além dessa. São João da Cruz, após tantos outros, exprime-o de modo luminoso, ao comentar *Heb 1, 1-2*:

«Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – (Deus) disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. [...] Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade»⁶⁶.

⁵⁸ Cf. *Mc* 1, 40-41.

⁵⁹ Cf. *Mc* 5, 36.

⁶⁰ Cf. *Mc* 7, 29.

⁶¹ Cf. *Lc* 23, 39-43.

⁶² Cf. *Mc* 2, 5.

⁶³ Cf. *Mc* 5, 28.

⁶⁴ Cf. *Lc* 7, 37-38.

⁶⁵ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas, 7: Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

⁶⁶ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida del monte Carmelo* 2, 22, 3-5: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 11, Burgos 1929, p. 184 [ID., *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 196 = Segunda Leitura do Ofício de Leituras da Segunda-Feira da II Semana do Advento].

102 Através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz⁶⁷:

«Lembra-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados, o qual, sendo no princípio Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, pois não está sujeito ao tempo»⁶⁸.

CIC 333: o Cristo encarnado é adorado pelos Anjos

333 Da Encarnação à Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus «introduziu no mundo o seu Primogénito, disse: Adorem-n’O todos os anjos de Deus» (*Heb 1, 6*). O seu cântico de louvor, na altura do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja: «Glória a Deus [...]» (*Lc 2, 14*). Eles protegem a infância de Jesus⁶⁹, servem-n’O no deserto⁷⁰ e confortam-n’O na agonia⁷¹, no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos⁷² como outrora Israel⁷³. São ainda os anjos que «evangelizam»⁷⁴, anunciando a Boa-Nova da Encarnação⁷⁵ e da Ressurreição⁷⁶ de Cristo. E estarão presentes aquando da segunda vinda de Cristo, que anunciam⁷⁷, ao serviço do seu juízo⁷⁸.

CIC 1159-1162, 2131, 2502: a Encarnação e as imagens de Cristo

AS SANTAS IMAGENS

1159 A imagem sagrada, o «ícone» litúrgico, representa principalmente *Cristo*. Não pode representar o Deus invisível e incompreensível; foi a Encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova «economia» das imagens:

«Outrora Deus, que não tem nem corpo nem figura, não podia de modo algum, ser representado por uma imagem. Mas agora, que Ele se fez ver na carne e viveu no meio dos homens, eu posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus [...] Contemplamos a glória do Senhor com o rosto descoberto»⁷⁹.

1160 A iconografia cristã transpõe para a imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra. Imagem e palavra esclarecem-se mutuamente:

⁶⁷ Cf. *Heb 1, 1-3*.

⁶⁸ SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

⁶⁹ Cf. *Mt 1, 20*; *2, 13-19*.

⁷⁰ Cf. *Mc 1, 13*; *Mt 4, 11*.

⁷¹ Cf. *Lc 22, 43*.

⁷² Cf. *Mt 26, 53*.

⁷³ Cf. *2 Mac 10, 29-30*; *11, 8*.

⁷⁴ Cf. *Lc 2, 10*.

⁷⁵ Cf. *Lc 2, 8-14*.

⁷⁶ Cf. *Mc 16, 5-7*.

⁷⁷ Cf. *Act 1, 10-11*.

⁷⁸ Cf. *Mt 13, 41*; *24, 31*; *Lc 12, 8-9*.

⁷⁹ SÃO JOÃO DAMASCENO, *De sacris imaginibus oratio* 1, 16: PTS 17, 89 e 92 (PG 94, 1245 e 1248).

«Para dizer brevemente a nossa profissão de fé, nós conservamos todas as tradições da Igreja, escritas ou não, que nos foram transmitidas intactas. Uma delas é a representação pictórica das imagens, que está de acordo com a pregação da história evangélica, acreditando que, de verdade e não só de modo aparente, o Deus Verbo Se fez homem, o que é tão útil como proveitoso, pois as coisas que mutuamente se esclarecem têm indubitavelmente uma significação recíproca»⁸⁰.

1161 Todos os sinais da celebração litúrgica fazem referência a Cristo: também as imagens sagradas da Mãe de Deus e dos santos. De facto, elas significam Cristo que nelas é glorificado; manifestam «a nuvem de testemunhas» (*Heb 12, 1*) que continuam a participar na salvação do mundo e às quais estamos unidos, sobretudo na celebração sacramental. Através dos seus ícones, é o homem «à imagem de Deus», finalmente transfigurado «à sua semelhança»⁸¹, que se revela à nossa fé – como ainda os anjos, também eles recapitulados em Cristo:

«Seguindo a doutrina divinamente inspirada dos nossos santos Padres e a tradição da Igreja Católica, que nós sabemos ser a tradição do Espírito Santo que nela habita, definimos com toda a certeza e cuidado que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da Cruz preciosa e vivificante, pintadas, representadas em mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre as alfaias e vestes sagradas, nos muros e em quadros, nas casas e nos caminhos; e tanto a imagem de nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, como a de nossa Senhora, a puríssima e santa Mãe de Deus, a dos santos anjos e de todos os santos e justos»⁸².

1162 «A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos e, tal tanto como o espectáculo do campo, impele o meu coração a dar glória a Deus»⁸³. A contemplação dos sagrados ícones, unida à meditação da Palavra de Deus e ao canto dos hinos litúrgicos, entra na harmonia dos sinais da celebração, para que o mistério celebrado se imprima na memória do coração e se exprima depois na vida nova dos fiéis.

2131 Com base no mistério do Verbo encarnado, o sétimo Concílio ecuménico, de Niceia (ano de 787) justificou, contra os iconoclastas, o culto dos ícones: dos de Cristo, e também dos da Mãe de Deus, dos anjos e de todos os santos. Encarnando, o Filho de Deus inaugurou uma nova «economia» das imagens.

2502 *A arte sacra* é verdadeira e bela quando corresponde, pela forma, à sua vocação própria: evocar e glorificar, na fé e na adoração, o mistério transcendente de Deus, sobreeminente beleza invisível da verdade e do amor, manifestada em Cristo, «esplendor da sua glória e imagem da sua substância» (*Heb 1, 3*), no qual «habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (*Cl 2, 9*); beleza espiritual reflectida na santíssima Virgem Mãe de Deus, nos anjos e nos santos. A verdadeira arte sacra leva o homem à adoração, à oração e ao amor de Deus, Criador e Salvador, Santo e Santificador.

⁸⁰ II CONCÍLIO DE NICEIA (em 787), *Terminus*: COD p. 135.

⁸¹ Cf. *Rm 8, 29*; *1 Jo 3, 2*.

⁸² II CONCÍLIO DE NICEIA, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 600.

⁸³ SÃO JOÃO DAMASCENO, *De sacris imaginibus oratio* 1, 47: PTS 17, 151 (PG 94, 1268).